

EVANGELIZAÇÃO NO CONTEXTO PÓS-CRISTÃO:

Uma leitura para a igreja brasileira

Rogério Leoderio de Souza¹

Michell Scheid da Silva²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar o cidadão pós-cristão, seu surgimento e como evangelizar nesse contexto. Este estudo foi realizado através da ferramenta pesquisa com revisão bibliográfica. Tem como objetivo apresentar o pensamento pós-moderno e seus contrapontos ao modernismo, bem como evidenciar como esse pensamento influenciou a sociedade e por consequência o pós-cristianismo na sociedade europeia e estadunidense. Mostra dados de pesquisas realizadas em países considerados pós-cristãos e como tem influenciado a sociedade jovem. Apresenta também a igreja missional como uma ferramenta de evangelismo e acompanhamento nessa nova necessidade que se apresenta na igreja. Ao final é mostrado como estes aspectos já têm influenciado outras igrejas e outras sociedades, especialmente a brasileira e como a igreja missional pode ser útil para reduzir os impactos.

Palavras-chave: Pós-Cristão; Pós-modernidade; Igreja Missional.

ABSTRACT

This article aims to present the post-Christian citizen, its emergence and how to evangelize in this context. This study was carried out using the research tool with a literature review. It aims to present postmodern thought and its counterpoints to modernism, as well as to show how this thought influenced society and, consequently, post-Christianity in European and American society. It shows data from surveys carried out in countries considered post-Christian and how it has influenced youth society. It also presents the missional church as a tool for evangelism and accompaniment in this new need that presents itself in the church. At the end, it is shown how these aspects have already influenced other churches and other societies, especially the Brazilian one, and how the missional church can be useful to reduce the impacts.

Keywords: Post-Christian; Postmodernity; Missional church.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, por meio de revisão bibliográfica, tem por objetivo desenvolver um pensamento a partir da cosmovisão deste cidadão considerado pós-cristão, e conhecer ferramentas de diálogos com vistas ao evangelismo das pessoas que têm surgido neste contexto. Ademais, busca entender o surgimento

¹ Especialista em Ciências da Religião pela Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras de Curitiba. Bacharel em Teologia pelo Seminário e Instituto Bíblico Betânia (SEMIB) e Faceten; Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Contato: rogerio@faculdadebetania.com.br.

²Bacharelado em Teologia pela Faculdade Teológica Betânia (Fatebe). Contato: michell.silva@gmail.com.

do pensamento pós-moderno que serve de base para o pensamento aqui problematizado, levantar dados sobre o perfil e comportamento dos pós-cristãos, bem como pesquisar ferramentas de evangelismo.

Avaliando o momento histórico e o comportamento da sociedade brasileira, percebe-se um distanciamento do pensamento ético e moral cristão. O pensamento cristianizado que outrora definia o comportamento das pessoas nos âmbitos políticos, culturais e afetivos, já não parece ser mais tão importante. Esses valores que antes conduziam as relações da sociedade estão se perdendo ou não têm mais a importância que outrora tiveram.

Olhando os exemplos e as características das sociedades europeias e estadunidenses, cada uma em seu tempo, pois apesar das características de pós cristianismo nela existentes, ambas estão em momentos históricos distintos, mas apontam para o cenário que se pretende abordar. Olhar para isso começa a fazer sentido os pós-cristãos no Brasil, especificamente o jovem, que é diretamente atingido com as grandes ondas pós-modernas que afetam o pensamento sócio cultural. De certa forma, nota-se algumas igrejas relapsas, e não atentas a estes sinais, mas acomodadas ainda pelo pensamento de que isto ainda não ocorre em nosso país, visto a baixa quantidade de literatura a este respeito e a pouca discussão entre as lideranças cristãs.

1. PÓS-MODERNIDADE

Ao estudarmos Jameson (1991, p.27), “entendemos que a pós-modernidade (pós-modernidade ou condição pós-moderna) é o estado ou condição econômica ou cultural da sociedade que se diz existir após a modernidade (neste contexto, "moderno" não é usado no sentido de "contemporâneo", mas apenas como nome por um período específico na história). Em nosso contexto abordaremos a perspectiva de que a modernidade transformou o pensamento da sociedade em relação a importância da existência de um Deus criador de todas as coisas ” Algumas escolas de pensamento sustenta que a modernidade terminou no final do século 20 - na década de 1980 ou no início da década de 90 - e que foi substituída pela pós-modernidade, e outras estenderam a modernidade para cobrir os desenvolvimentos denotados pela pós-modernidade,

enquanto alguns acreditam que a modernidade acabou após Segunda Guerra Mundial.

Começando com a crítica literária hispânica na década de 1930, expandindo-se para o mundo das artes visuais e arquitetura na década de 1960 e início de 1970 e, finalmente, fazendo incursões na teoria social com os franceses. A publicação de *The Postmodern Condition*, de Jean-François Lyotard, o termo "pós-modernismo" abrange campos vastos, complexos e, às vezes, contraditórios. Ainda assim, uma característica organizacional do pós-modernismo é claramente discernível: o pós-modernismo é sempre entendido em contraste com o modernismo. Por exemplo, o pós-modernismo no mundo literário pode ser entendido como uma reação contra a unidade da narrativa. Na verdade, esta reação foi tão forte que, na década de 1960, Susan Sontag (1990) declarou o romance moderno morto.

Conforme Giddens (1999, p. 52) a Pós-Modernidade se revela como o esgotamento e superação da Modernidade. Trata-se da busca de uma nova época, que seria libertada dos efeitos perversos da época anterior. De acordo com Souza (2003, p. 115):

Esses movimentos idealizaram de uma maneira moderna a raça e a classe, e seus líderes impediram uma ordem mundial nova e melhor. A Primeira Guerra Mundial colocou em marcha a revolução global que se tornaria explícita após a Segunda Guerra: a mudança do paradigma eurocêntrico de Modernidade, que tinha uma marca colonialista, imperialista e capitalista. O novo paradigma que começava a se desenvolver, o da Pós-Modernidade, seria global, policêntrico e de orientação ecumênica.

Vários especialistas acreditam que, devido às diferenças fundamentais entre modernismo e pós-modernismo, "Pós-modernismo" é de fato "pós-modernismo", o que significa um novo movimento que surgiu após o modernismo. Enquanto o modernismo enfatiza realidades e a descoberta de realidades, o pós-modernismo enfatiza a instabilidade de tudo e a criação de realidades.

O modernismo acredita na certeza, necessidade e meta-narrativa, enquanto, do ponto de vista pós-modernista, em nenhuma circunstância deve ser feita menção a essas categorias. Particularmente na área de valores, moralidades, política e educação, nenhuma menção deve ser feita de universal e constantes fundações teóricas.

Valores são coisas relativas que diferem de cultura para cultura. Portanto, o movimento pós-modernismo é realmente a era após o modernismo, é um tipo de transição a partir dele. Alguns apoiadores desta versão do pós-modernismo acreditam que foi iniciada pelos escritos de Richard Rorty (RAHNAMA, 2009; POOSSHAFEI, 2009; SHOARINEZHAD, 2009).

Richard Rorty desenvolveu uma marca distinta e controversa de pragmatismo que se expressou ao longo de dois eixos principais. Um é negativo e faz um diagnóstico crítico do que Rorty considera serem projetos de definição da filosofia moderna. O outro é positivo e tenta mostrar como a cultura intelectual pode se parecer, uma vez que nos libertamos das metáforas dominantes da mente e do conhecimento em que os problemas tradicionais de epistemologia e metafísica.

Dada a essencial das semelhanças fundamentais e humanistas e o crescimento dessas duas ideias, algumas pessoas argumentam que o pós-modernismo é uma parte da modernidade que, com uma abordagem crítica de algumas de suas reivindicações, têm de alguma forma diferentemente reproduzida ou reestruturada. Portanto, o pós-modernismo, sendo uma perspectiva especial crítica, explicação e extensão do modernismo e, em contraste com o modernismo, enfatiza negativamente totalidade e meta-narrativas e, ao fazê-lo, deseja criar um equilíbrio e modificar as moralidades humanistas, dominando o Ocidente de maneiras mais moderadas. Segundo Gitlin, se o modernismo destruiu a unidade mais antiga e ela mesma está entrando em colapso, o pós-modernismo é fascinado pelos restos do modernismo e é um parasita (OZMEN, 2007).

Na opinião dessas pessoas, embora o local de nascimento desse pensamento tenha sido a França e seus mais importantes personagens são Michel Foucault, Jacques Derrida, Jean-François Lyotard, filósofos como Friedrich Wilhelm Nietzsche, Soren Kierkegaard, Martin Heidegger e outros filósofos como Sandrys Peirce, William James, e John Dewey, dos filósofos do pragmatismo do século XIX, estão, em certo sentido, entre os fundadores do pós-modernismo.

A razão é que alguns pensamentos pós-modernos, especialmente as críticas ao modernismo e a posição contra isso são óbvios em seus pensamentos. Portanto, embora o pós-modernismo tenha sérias e fundamentais diferenças com o modernismo, isso não significa que ele o ignore, mas que eles têm características comuns em seus sentidos e natureza. De fato, o pós-moderno se alimenta de

ideias e pensamentos modernos e, ao mesmo tempo, rejeita algumas e aceita muitos outros elementos (OZMEN, 2007; POORSHAFEI, 2009).

Pós-modernismo é o termo geral que contém muitas linhas de pensamento. Porém podemos fazer alguns questionamentos e afirmações, tais como: Sabemos realmente que o progresso é sempre uma coisa boa? O pós-modernismo insiste que existem muitas verdades em oposição a uma única verdade pura. No pós-modernismo, todas as instituições sociais são examinadas, assim como todas as suposições filosóficas. Há um questionamento de todas as ideologias ao invés de aceitar certas verdades como naturais.

O pós-modernismo questiona a ideia de presença, ou experiência imediata como sendo confiável e real. Porque tudo é mediado pela linguagem, imagens, forças sociais, etc. O pós-modernismo trabalha em tensão com o modernismo e o passado. O pós-modernismo enfatiza ideias de pluralismo e multiplicidade, especialmente de significado. São múltiplas subjetividades e categorias de identidade, como raça, gênero, classe, idade. Isso coincide com o que se caracteriza o pós cristão.

2. PÓS-CRISTÃO

O dicionário traz a seguinte definição para pós-cristão: designa a era moderna, considerada como uma época em que o Ocidente, especialmente na Europa, afastou-se de suas tradições cristãs e tornou-se fundamentalmente secular. Para Aquilina e Papandrea (2019) já foi dito que nosso mundo está se tornando um mundo "pós-cristão". Isso significa que, ao longo das gerações recentes, houve um declínio observado na influência da Igreja sobre a sociedade.

Ao entender anteriormente que a pós-modernidade tem transformado o pensamento das pessoas na sociedade, faz-se necessário olhar criticamente para os países que servem de influência para o Brasil e entender como isso pode afetar os brasileiros.

Se entendermos de onde vem o pós-modernismo e para onde ele está indo, começaremos a ver suas expressões em todas as áreas de nossa cultura. Francis Schaeffer afirmou: "Finalmente, não devemos esquecer que o mundo está em chamas. Não estamos perdendo apenas a igreja, mas toda a nossa cultura também. Vivemos em um mundo pós-cristão que está sob julgamento de Deus." " É o pós-modernismo que quer nos convencer de que a cultura é neutra e não tem conotações morais. Mas isso ocorre porque uma cultura não-cristã não acredita na moralidade, pelo

menos na medida em que tudo o que fazemos, pensamos, dizemos ou observamos tem qualquer coisa a ver com certo e errado. A moralidade é relegada ao nível espiritual que só pode ser pessoal e certamente não pode ser julgado por nossas ações. Gene Veith comenta: “Apesar de toda a conversa sobre cultura, o pós-modernismo carece de cultura já que as tradições, crenças e morais que definem a cultura são todas deficientes.” (SINGH, 2011, p.55).

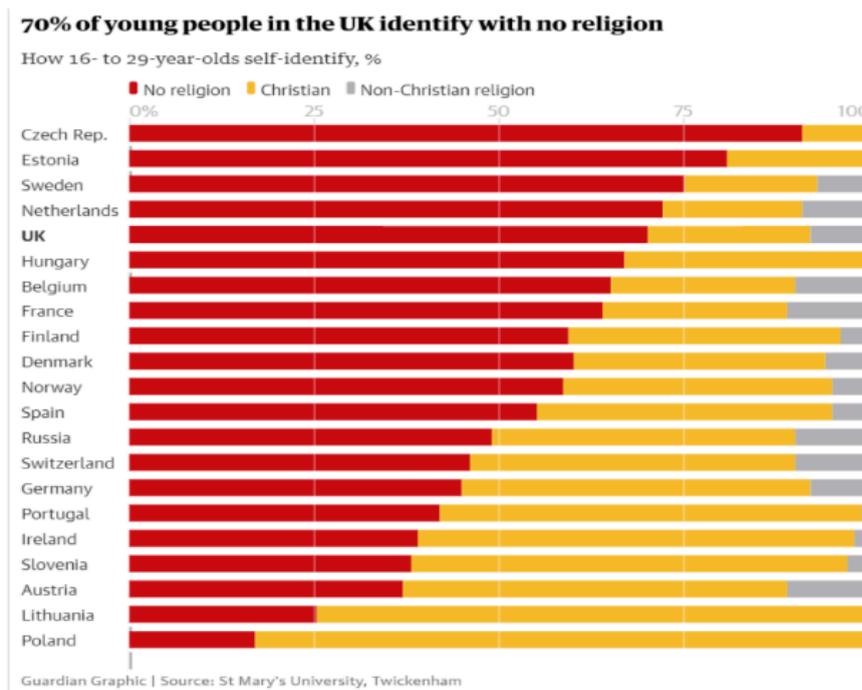
O cristianismo não é mais a religião dominante em muitos lugares onde costumava ser, dando lugar a uma visão secularista do mundo sob a qual mais e mais pessoas estão vendo a fé e a moralidade religiosa como não apenas opcionais e desatualizadas, mas até desagradáveis:

Em geral, em uma cultura pós-cristã, a visão de mundo dominante não é mais baseada em princípios cristãos - ou pelo menos não podemos mais supor que será. A Igreja não molda mais a cultura. Mas, em um sentido muito real, esse mundo "pós-cristão" está realmente se aproximando do mundo pré-cristão - o mundo em que os cristãos foram perseguidos porque criticaram a ética da cultura e se recusaram a participar de suas práticas idólatras, que envolveu a exploração de seres humanos (AQUILINA e PAPANDREA, 2019).

Avaliando os dados de uma pesquisa apresentada pelo site do jornal The Guardian, cuja a autora é Harriet Sherwood, onde o tema abordado foi: ‘O cristianismo como padrão se foi’: A ascensão de uma Europa não cristã, observa-se que os números revelam que a maioria de jovens adultos em doze países não tem religião. Observa-se que a Europa já é uma sociedade pós-cristã. Sociedades tradicionais e alguns países da América Latina caminham por uma trilha semelhante.

Um estudo com os jovens de 16 a 29 anos descobriu que a República Tcheca é o país menos religioso na Europa, com 91% deste grupo etário dizendo não ter nenhuma filiação religiosa. Entre 70 e 80% dos jovens adultos na Estônia, Suécia e nos Países Baixos também se classificam como não religiosos. O país mais religioso é a Polônia, onde 17% dos jovens adultos se definem como não religiosos, seguido pela Lituânia com 25%. (SHERWOOD, 2018)

Figura 1 – Como a Europa se identifica perante a religião



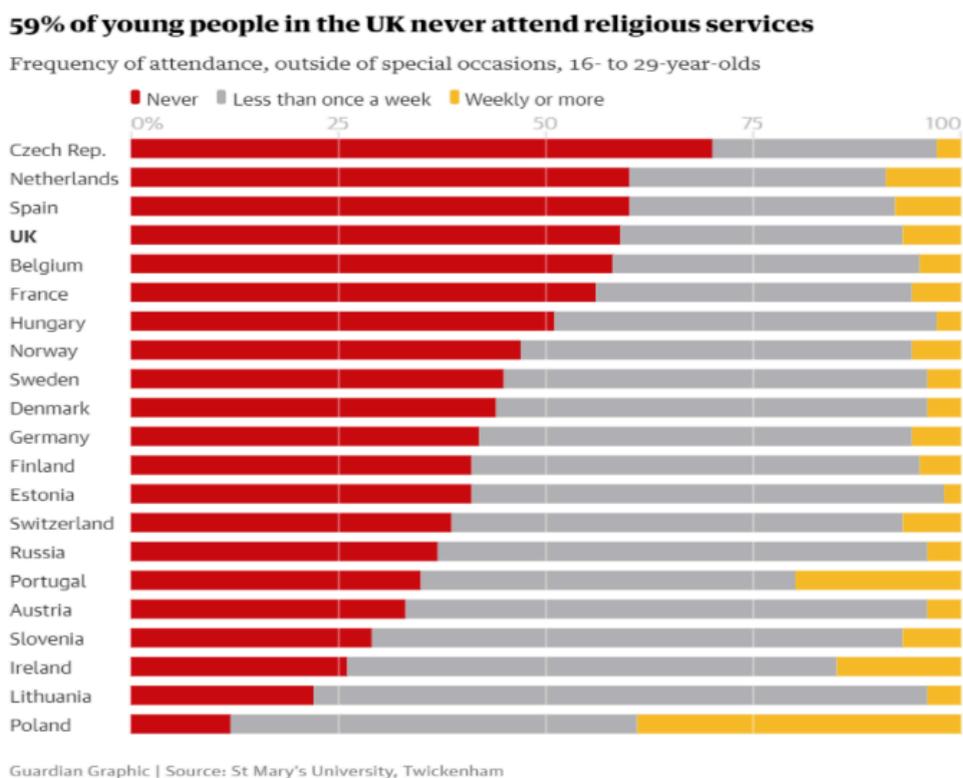
Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2018/mar/21/christianity-non-christian-europe-young-people-survey-religion#maincontent>. Acesso em: 22 mai. 2020.

Este gráfico expõem a opinião dos jovens mencionados. As cores são as respostas de como eles se identificam em relação à religião. Vermelho são os sem religião, amarelos são os cristãos e o cinza são pessoas de outras religiões não cristãs.

70% dos jovens do **Reino Unido** se identificam como sem religião. O gráfico mostra como os jovens de 16 a 29 anos se identificam em termos religiosos. No **Reino Unido**, apenas 7% dos jovens adultos se identificam como anglicanos, número abaixo dos 10% que se categorizam como católicos. Os jovens muçulmanos, 6%, estão próximos de ultrapassar os que se consideram parte da **Igreja** estabelecida do país. Estes números estão publicados no relatório intitulado “**Europe’s Young Adults and Religion**” [Os jovens adultos da **Europa** e a religião], de **Stephen Bullivant**, professor de teologia e sociologia da religião na **St Mary’s University**, em **Londres**. Os números se baseiam em dados tirados da **Pesquisa Social Europeia 2014-2016**. Segundo se lê no texto do relatório, a religião está “moribunda”. Com algumas “notáveis exceções, os jovens adultos estão cada vez mais deixando de se identificar como religiosos e de praticar a sua religião”. (SHERWOOD, 2018).

Além deste dado, o estudo também revelou que 59% dos jovens do Reino Unido, nunca frequentaram uma cerimônia.

Figura 2 – Porcentagem de jovens europeus que já foram a igreja



Disponível

em:

<https://www.theguardian.com/world/2018/mar/21/christianity-non-christian-europe-young-people-survey-religion#maincontent>. Acesso em: 22 mai. 2020.

As cores agora são as respostas de como esses jovens classificam a frequência de comparecimento em eventos religiosos. Vermelho são os que nunca foram, cinza são os que vão menos de uma vez por semana e o amarelo são pessoas que frequentam semanalmente ou mais. Esses dados revelam que a Europa está cada vez menos cristã.

Além do dado apresentado pelo The Guardian, outra pesquisa relevante é a da Barna, uma organização cristã, que já realizou mais de um milhão de entrevistas ao longo de centenas de estudos e se tornou uma fonte de informações sobre fé e cultura, liderança e vocação e gerações. O Barna Group acompanhou de maneira cuidadosa e estratégica o papel da fé na América, desenvolvendo um dos bancos de dados mais abrangentes do país de indicadores espirituais. Neste estudo a Barna revela que apesar de diferente, a comunidade cristã Norte Americana também possui sinais preocupantes quando o assunto é o mundo pós-cristão:

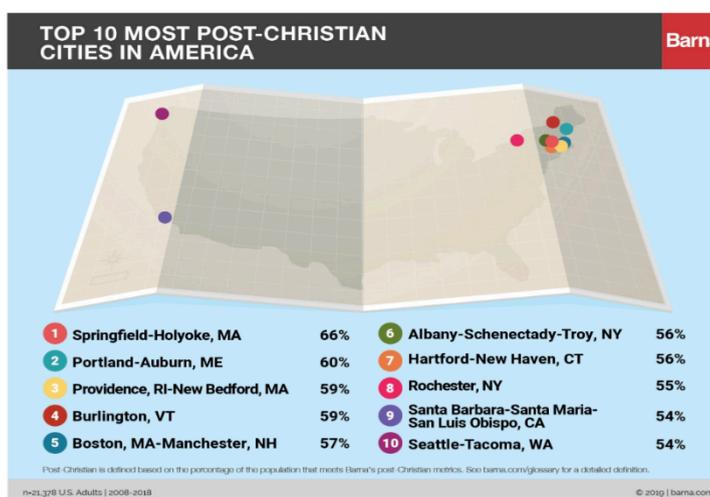
No ano passado, as pesquisas da Barna revelaram tendências de fé nos EUA, incluindo uma relutância geral em se envolver em conversas espirituais, uma aversão ao evangelismo e a erosão das crenças e práticas religiosas. (BARNA, 2019).

A Barna criou as Métricas pós-cristãs. Para se qualificarem como "pós-cristãs", os indivíduos precisavam atender nove ou mais dos seguintes fatores. Indivíduos "altamente pós-cristãos" atendem a 13 ou mais dos fatores (desses 16 critérios):

1) Não acredita em Deus; 2) Identifica-se como ateu ou agnóstico; 3) Discorda que a fé é importante em suas vidas; 4) Não orou a Deus (na última semana); 5) Nunca se comprometeram com Jesus; 6) Discorda que a Bíblia é precisa; 7) Não doou dinheiro para uma igreja (no ano passado); 8) Não frequentou uma igreja cristã (nos últimos 6 meses); 9) Concorda que Jesus cometeu pecados; 10) Não sente a responsabilidade de "compartilhar sua fé"; 11) Não leu a Bíblia (na última semana); 12) Não se colocou à disposição na igreja (na última semana); 13) Não frequentou a escola dominical (na última semana); 14) Não participaram de pequenos grupos religiosos (na última semana); 15) Escala de engajamento da Bíblia: baixa (não leu a Bíblia na semana passada e discorda veementemente ou de alguma forma que a Bíblia seja precisa); 16) Não Nascido Novamente

Com base nessas métricas, eles criaram um ranking com as dez cidades mais pós-cristãs nos Estados Unidos, conforme imagem:

Figura 3 – As dez cidades mais pós-cristãs dos Estados Unidos



Disponível em <https://www.barna.com/research/post-christian-cities-2019>. Acesso em: 22 mai. 2020

De fato, a pesquisa apresentou as cem cidades mais pós-cristãs dos Estados Unidos. Com números altos, sendo Springfield-Holyoke, MA a primeira do ranking apontada com 66%, Charleston-Huntington a centésima, porém com alarmantes 32%.

Os dados relatados nesta tabela são baseados em entrevistas telefônicas e on-line com amostras aleatórias em todo o país de 21.378 adultos, realizadas em um período de dez anos, terminando em abril de 2018. A margem máxima de erro de amostragem associada à amostra agregada é de mais ou menos 0,7% pontos no nível de confiança de 95%. Os dados deste estudo foram analisados pelo DMA. O rótulo "DMA" significa Área de Mercado Designada e representa uma área geográfica única que também serve como um mercado de mídia comumente aceito, conforme definido pela The Nielsen Company (BARNA, 2019).

Este cenário mostra que a Europa e os Estados Unidos estão vivendo uma realidade em que o pós cristianismo já é uma realidade. Ademais a pesquisa utilizada pela Barna, pode facilmente ser aplicada na igreja brasileira e serve de alerta para os cristãos que olham essa perspectiva como distante. De acordo com Krajewski (1988, p 83) já é notório na música, literatura, pintura, entre outras formas de arte, os sinais da pós-modernidade. Sendo assim, a pós-modernidade já faz parte da experiência vivida no Brasil, porém ainda não é trabalhada no meio cristão como um perigo a ser debatido.

3. EVANGELISMO

A evangelização é um fator chave no Cristianismo. Cristo deseja que sua igreja se expanda continuamente. Ele espera que cresça tanto quantitativa e qualitativamente, de época em época, por meio dos esforços de seus discípulos. A maior ferramenta que ele forneceu para isso é a evangelização. Evangelização é reconhecida como o principal mecanismo reprodutivo para a igreja. Hunter (1983, p. 72) expressa essa visão ao definir a evangelização como o processo reprodutivo pelo qual o cristianismo se expande e enche a terra.

Nas palavras de Stott, se a igreja deve se expandir, ela deve abraçar como sua responsabilidade principal, a tarefa de levar o Evangelho para o mundo inteiro e fazendo discípulos de todas as nações (Stott, 1975, p. 31). O consenso dentro da cristandade é que a evangelização é a tarefa urgente e suprema da igreja. Meeks (1985, p. 138) diz que isso é responsabilidade de toda a igreja, e que cada

indivíduo é mandado para estar pessoalmente envolvido nele. Não é um conceito a ser discutido, mas um mandato a ser cumprido. É a principal tarefa permanente da igreja, sem a qual ela não tem direito de existir. A evangelização é, portanto, obra e herança da igreja.

O destaque dado a este empreendimento dentro do Cristianismo é um assunto para estudo crítico entre estudiosos e ministros cristãos. Volumes foram escritos com o objetivo de dar ao conceito a interpretação correta, a fim de promover sua compreensão e aprimorar sua prática entre os cristãos. Um esclarecimento sobre o que é evangelização está contido no Pacto de Lausanne (parágrafo 4) e lê-se assim:

Evangelizar é espalhar a Boa Nova de que Jesus Cristo morreu pelos nossos pecados e ressuscitou dos mortos de acordo com as Escrituras, e que como o Senhor reinante, ele agora oferece o perdão dos pecados e o dom libertador do Espírito para todos os que se arrependem e acreditam. Nossa presença cristã no mundo é imprescindível para a evangelização, assim como aquele tipo de diálogo cujo propósito é ouvir com sensibilidade para compreender. Mas a evangelização em si é a proclamação do Cristo histórico e bíblico como Salvador e Senhor, com um a fim de persuadir as pessoas a irem até ele pessoalmente e assim ser reconciliado com Deus. Ao emitir o convite do evangelho, nós não temos liberdade para esconder o custo do discipulado. Jesus ainda chama todos os que querem segui-lo para negar a si mesmos, assumir sua cruz e se identificam com sua nova comunidade. Os resultados da evangelização incluem obediência a Cristo, incorporação em sua igreja e serviço responsável no mundo (Stott, 1975, p. 4).

Se evangelização é o anúncio do Evangelho, então quais são os objetivos desta proclamação? O que se deseja alcançar com esta proclamação? Em outras palavras, quais são os objetivos da evangelização? Primeiro, o objetivo principal da evangelização é a salvação da humanidade. A Grande Comissão enfatiza a ida ao mundo e pregando o evangelho a todos (Marcos 16:15).

Quando o Senhor chama seus primeiros grupos de discípulos, Ele promete torná-los pescadores de homens. A implicação disso é que Deus tem uma missão para eles que envolve a pesca de homens e mulheres fora do oceano do pecado e impiedade no reino de Deus. Portanto, Pedro descreve a salvação do cristão como sendo chamado das trevas para a maravilhosa luz de Deus (1 Pedro 2: 9). O verdadeiro alvo da mensagem do evangelho é o homem não regenerado - o homem que ainda está em seus pecados. Deus ama toda a humanidade e deu Seu filho como um sacrifício por seus pecados (João 3:16). É esta mensagem do amor de Deus aos pecadores.

Os discípulos foram comissionados a levar o evangelho para todo o mundo. O apóstolo Paulo diz - Pois não tenho vergonha do evangelho de Cristo: pois é o poder de Deus para a salvação de todos os que crêem, primeiro aos judeus e também aos gregos ”. (Romanos 1:16). Segundo Kim (2001, p. 15-20), o objetivo da evangelização é ganhar um mundo perdido para Cristo.

3.1 Formas de Evangelização

Atividades missionárias: Um dos principais métodos de evangelização tem sido o missionário em atividades que têm sido realizadas por todo o mundo por cristãos de sociedades missionárias. Uma linha de distinção às vezes é traçada entre as missões e a evangelização. As missões sendo concebidas como levar o evangelho aos não salvos distantes, e a evangelização sendo pensada como levar o evangelho ao não salvos que estão próximos. No entanto, de acordo com Kuiper (2002, p. 7) o uso restrito da evangelização é difícil de justificar, pois atividades missionárias têm, ao longo dos séculos, ocupado uma posição central na conversão dos não-crentes ao cristianismo.

As atividades missionárias católicas começaram durante o período da reforma protestante. Na época, a Igreja Católica perdeu muito para a Reforma quando grandes partes da Europa se separaram da Igreja católica romana. No entanto, o que ela perdeu para a Europa, ela ganhou através de seu esforço missionário na Ásia, África e no Novo Mundo. Francis Xavier foi o católico mais aclamado como missionário de todos os tempos. Ele foi nomeado embaixador do Papa e enviado para evangelizar as Índias Orientais em 1542.

Sua mais notável missão foi no Japão, onde ele estabeleceu uma comunidade cristã que sobrevive até hoje. A ele é dado o crédito por trazer milhares de índios à fé. Diz-se que ele converteu 700.000 almas à fé católica romana (Renwick e Harman, 1994, p. 149). Em 1549, ele foi para o Japão, onde teve um sucesso de longo alcance. Ele morreu em 1552 enquanto tentava levar a mensagem cristã para a China (Waibel, 2000, p. 98).

Do ponto de vista protestante, William Carey é conhecido como o ‘Pai das Missões Modernas’. Ele foi fundamental para a fundação da Sociedade Missionária Batista em outubro de 1792. Seu lema era “Espere grandes coisas de Deus; tente grandes coisas para Deus”, e isso ele praticou precisamente. Chegando em

Calcutá, Índia, em 1793, ele serviu os nativos, evangelizando até sua morte em 1834 (Houghton, 1991, p.204). Outras sociedades missionárias foram fundadas em toda a Europa e na América, que eventualmente fizeram incursões na África.

Evangelização em massa: Por evangelização em massa entende-se a pregação da mensagem sobre em grande escala, especialmente em reuniões ao ar livre ou em grandes encontros. Algumas das reuniões de Cristo com as pessoas podem ser referidas como evangelização em massa. O Sermão da Montanha que é relatado em Mateus 5, 6 e 7, a alimentação de 5000 e 4000 pessoas (Mateus, 14: 15-21; 15: 32-39), são todas formas de evangelização em massa.

Na história da igreja, as reuniões ao ar livre têm sido usadas para alcançar um grande número de pessoas desde a época da Reforma. Whitefield e Wesley também foram pioneiros em evangelização em massa durante o período do Grande Despertar Evangélico (Hanks, 1998, pp. 166, 173-174). Evangelização em massa alcança um grande número de pessoas e deve ser encorajado pela razão óbvia de que o evangelho deve ser levado o mais rápido possível para tantos quantos puderem ser alcançados. Embora exija uma preparação intensiva, pode ser planejado por igrejas ou ministérios interdenominacionais.

Evangelização de mídia: A evangelização da mídia envolve a aplicação de várias formas de tecnologias de mídia na promoção da mensagem cristã. Hoje, a mídia tornou-se uma força a ser reconhecida na vida cristã. Existem duas dimensões para isso, que são a impressão e a mídia eletrônica. A mídia impressa envolve o uso de folhetos, cartazes, livros e outros materiais impressos na propagação do evangelho. Livros direcionando a atenção das pessoas para a verdade da mensagem foi publicada desde os tempos dos Puritanos, que foram os inventores da literatura evangélica. Com encorajamento, as pessoas lerão e considerarão coisas que do contrário não fariam. A natureza impessoal da literatura é valiosa nesse respeito.

Está sendo tratado como o missionário silencioso em alguns quartos por causa de sua capacidade de penetrar em qualquer cultura onde sua presença é impedida. Tem valor onde há falta de testemunhas treinadas ou em conjunto com outros esforços.

A evangelização em mídia eletrônica inclui o uso de rádio, televisão, internet e outras tecnologias eletrônicas na propagação do Evangelho. Essas

mídias têm potencial para atingir um grande número de pessoas onde houver uma barreira ou defeito em outros métodos.

Entre as nações hoje encontramos barreiras ao Evangelho de vários tipos. David (1976, p. 65), afirma que a mídia de massa possui potenciais que, se aproveitados, ajudarão na disseminação uniforme e eficaz da mensagem cristã. Ele enumera as vantagens da mídia eletrônica como a capacidade de: (i) alcançar mais pessoas no menor tempo possível; (ii) penetrar em locais onde a presença pessoal não é possível; (iii) divulgar a mensagem cristã com grande eficiência financeira; (iv) limitar a resistência das pessoas à mensagem.

Brawner (1997, pp. 369-375) é da opinião que se a igreja é para efetivamente alcançar esta geração de som e imagem para Cristo, há a necessidade de utilizar as mesmas vias de mídia que em grande parte da sociedade que a usa todo dia. Ele se referiu a uma pesquisa realizada na América. Esta pesquisa revela que um americano médio gasta mais de um terço do seu tempo no uso de multimídia. Ele gasta cerca de 3.297 horas por ano assistindo televisão e filmes, ouvindo rádio, lendo jornais, livros, revistas etc., onde o número de horas em um ano equivale a 8760. Isso, portanto, torna a mídia de massa uma ferramenta potencial para a evangelização. A fraqueza da mídia eletrônica reside no fato de que em sua natureza impessoal, pode não alcançar muito se não for complementado com outras atividades pessoais ou com acompanhamento.

Os modelos apresentados acima já se provaram eficientes em alguns momentos da história, e até hoje tem se mostrado adequado em determinados lugares e regiões, porém pensando no pós-cristão, faz necessário uma abordagem diferente.

Em seu livro *Lifestyle Evangelism*, Aldrich (1981, p.29) aconselhou que Cristãos sejam testemunhas vivas do evangelho de Cristo por meio de estilos de vida exemplares. Devem desenvolver estilos de vida que sejam confiáveis, invejáveis e dignos de emulação. Ao fazer isso, eles estarão pregando o evangelho pela maneira como vivem. Isso é o que se refere como “Evangelismo de Presença” em alguns setores. Claro, nunca há um substituto para o cristão que vive de acordo com o padrão de Deus, sendo a luz nas trevas, e ativamente promovendo a mensagem de Deus para aqueles com quem ele entra em contato (Mateus 5: 13-16, Romanos 1: 16-17, Romanos 12: 1-2).

Tal como os cristãos exemplificam em Gálatas 2:20, e a mensagem de Deus pode ser entregue em palavras e em ações. Todos nós podemos trabalhar para fazer melhor nesta área. A igreja contemporânea tem muito a fazer nessa direção. Uma das maiores críticas da igreja nos últimos tempos é que os cristãos são frequentemente inconsistentes, hipócritas e mundanos.

Muitos cristãos, o clero e os leigos igualmente pregam uma coisa e fazem o oposto (AGC, 1996, p.29). A taxa na qual o clero e os leigos estão se envolvendo em práticas prejudiciais nunca é para o crédito da fé cristã. Hoje existe uma crise de credibilidade entre os ministros da igreja.

A falha de caráter dos líderes religiosos está se tornando mais pronunciada diariamente. A mídia de massa está repleta de exemplos de Ministros da igreja manifestando uma série de características negativas. Conforme apontado por um escritor, vícios estão aumentando em um ritmo tão alarmante entre os cristãos que não demora muito para que os santos rivalizem com as experiências de pecado do mundo (Auch & Cronce, 1990, p.14).

A igreja está se expandindo numericamente em todo o mundo, mas sua influência não pode ser considerada proporcional à sua expansão devido à frouxidão moral, atrocidades de várias dimensões e sofisticação de crimes que permeiam a vida de muitas nações. É observado em alguns setores que a apostasia da igreja medieval está conosco mais uma vez e que a igreja precisa de outro reavivamento evangélico. Se houver, os cristãos devem permitir que sua luz brilhe inquestionável perante o mundo, é agora.

Espera-se que os cristãos (clérigos e leigos) sejam a luz do mundo e o sal da terra. Neste contexto, é imperativo para os líderes da igreja garantir que tantos quantos sejam trazidos para a igreja tenha experiência de conversão genuína porque é observado que o maior problema da igreja nos últimos tempos é a falsa conversão.

Existem muitos na igreja, incluindo alguns membros da liderança, que não podem dar conta de sua conversão e essas são as pessoas de quem a igreja depende para a conversão do mundo. Isso é totalmente impossível porque não se pode dar o que não se tem. A evangelização espera mudar os indivíduos e transformar o mundo. Conseqüentemente, esta nobre tarefa deve ser realizada por aqueles que já estão mudados e transformados. Em outras palavras, apenas

aqueles que experimentaram uma conversão genuína podem ser úteis ao sucesso no “negócio” da evangelização mundial.

A experiência de John Wesley é pertinente aqui. Wesley em sua posição não convertida partiu em uma viagem à América para converter os Índios, mas seu trabalho lá foi de fato um grande fracasso. Quando ele voltou para a Inglaterra decepcionado, suas esperanças missionárias foram, sem dúvida frustradas (Hanks, 1998, p. 112).

Como ele disse mais tarde, “Eu fui para a América para converter os índios, mas Oh! Quem vai me converter? ” (Lane, 1992, p. 168). No entanto, as coisas mudaram para melhor depois de sua experiência de conversão de 24 de maio de 1738, quando ele devotou o resto de sua vida para pregar o evangelho, e nos próximos cinquenta anos fez uma distância de 250.000 milhas viajando por toda a Inglaterra com a mensagem do Metodismo principalmente a cavalo (Schmit, 1979, p. 111). Neste tempo contemporâneo, os cristãos farão bem em evitar tal experiência amarga de John Wesley. Junto com isso está a necessidade para aqueles que afirmam ser de Cristo para demonstrar santidade tanto em vida e ministério.

3.2 A Igreja Missional

A palavra "missional" para descrever "igreja" tornou-se bastante comum. Na verdade, Alan Roxburgh (2004. p.63) acredita que o termo "igreja missional" foi da obscuridade à banalidade em oito curtos anos e as pessoas ainda não sabem o que isso significa. Obviamente, esse termo foi popular entre muitos na América do Norte e além.

De acordo com Milton (2019. p.51) a palavra em inglês “missão” vem do latim, “missio”. A missio Dei é, portanto, a “missão de Deus”. Por muitos anos, os cristãos entenderam a missão da Igreja de refletir a missão de Deus no mundo, sumariamente, pela Grande Comissão de Jesus em Sua ascensão (Mateus 28: 18-20). Mais propriamente, a palavra "missional" é um adjetivo para descrever o empreendimento mais importante da Igreja de perseguir a missio Dei no mundo.

Como em muitos outros exemplos, “missional” pode ser “sequestrado” e “reaproveitado” para uma agenda teológica ou sociológica particular. Assim, reconhecendo que o termo "missional" pode ser interpretado por outros na Igreja

de várias outras maneiras, acreditamos que a frase tem mérito quando entendida no contexto missiológico cristão tradicional. Assim, para fins de clareza de comunicação, foi proposto a seguinte definição para uma "igreja missional": consciente, sábia e intencional.

Ainda por Milton (2019. p.53) A igreja missional é aquela que está ciente do contexto sócio histórico de sua igreja, incluindo uma compreensão do desenvolvimento do contexto e respondendo sabiamente ao compartilhar o evangelho de Jesus Cristo. Assim, cada parte do ministério da igreja está em sintonia com o ambiente e é intencional em seu ministério de evangelismo para a comunidade.

Não discordamos da definição de Alan Hirsch de uma "igreja missional" como "postura em relação ao mundo". No entanto, acreditamos que tal postura deve ser a de que o mundo está perdido e precisa do Salvador, nosso Senhor Jesus Cristo. Teologias que "abraçam a cidade" sem apontar para o pecado na cidade e a necessidade dos moradores descrentes de arrependimento pessoal e fé no ressuscitado e reinante Jesus Cristo não são missionais, pois, a palavra descreve os mandamentos urgentes do Evangelho. (Milton, 2019. p.53).

Apesar de amplamente discutida e colocada à prova, o termo missional carece ainda de entendimento e para simplificar a descrição de uma igreja missional, oferecemos a seguinte declaração que de maneira concisa pretende reunir em uma afirmação a abrangência do sentido e importância desta palavra:

Uma igreja missional é uma comunidade eclesial de Palavra, Sacramento e oração, onde a equipe pastoral, oficiais e membros estão unidos em seu compromisso com a prática orientada pelo Evangelho da Grande Comissão de Jesus Cristo em todas as áreas do ministério e da vida. (Milton, 2019. p.54)).

De acordo com Forsyth (2019, p.27), embora reconheça a relutância legítima que existe na definição de Igreja Missional, a Igreja de O Painel de Revisão e Reforma da Escócia sugeriu que existem 3 vertentes que são comuns a Igrejas missionais. São essas três vertentes que o Caminho da Renovação buscaria em cada Igreja:

Vertente 1: Envolvido em sua comunidade local e de forma mais ampla; trabalhando em parceria com outras pessoas para atender às necessidades sociais e trazer mudanças para que a justiça prevaleça. No Sermão da Montanha, Jesus descreve a influência que seus discípulos devem ter, dizendo-lhes que eles devem

ser o sal para o mundo. Eles não devem se manter separados, mas devem se envolver com a cultura da qual eles fazem parte.

A mesma coisa pode ser vista quando os judeus se encontram no exílio na Babilônia e Jeremias escreve: Sintam-se em casa e lá trabalhem para o bem-estar do país. Orem pelo bem-estar da Babilônia. Se tudo correr bem para a Babilônia, tudo correrá bem para vocês, Jeremias 29,7. Ainda assim, em ambas as situações, manter sua distinção será crucial. Eles não devem simplesmente assumir os valores de sua cultura e "se encaixar". Na verdade, fazer isso significaria que eles não podem cumprir o que Deus tem para eles, "Pois se o sal perde o seu sabor, torna-se inútil."

Vertente 2: Manter e construir uma comunidade cristã autêntica e envolvente e uma adoração que seja relevante para a vida diária e que atraia pessoas de todas as gerações. Além de ser enviado, há um elemento da igreja de ser algo pelo qual as pessoas são atraídas. Que há algo em nossa vida comunitária e de adoração que aponta as pessoas para algo diferente do qual eles querem fazer parte. (Na verdade, algumas reflexões sobre isso sugerem que, para muitas pessoas, a igreja se torna um lugar onde eles descobrem que pertencem antes de acreditarem).

Esse pensamento de ser um povo atraente e pelo qual as pessoas são atraídas encontra ecos nos escritos dos profetas do Antigo Testamento, onde o templo em Jerusalém se destaca como um lugar para o qual as pessoas são atraídas, de todas as nações (Isaías 56,7) e o povo de Deus permanecerá como uma luz para as nações (Isaías 49.6.) Não é surpreendente, então, encontrar Jesus descrevendo seus discípulos como sendo luz para o mundo - e na igreja primitiva, descobrimos que a formação de sua vida comunitária e adoração levou muitos a encontrarem um novo relacionamento com Deus e um lugar dentro da igreja.

Vertente 3: Ajudar as pessoas a se tornarem cristãos maduros que vivem sua fé na vida diária, se organizem em grupos, atividades ou mentoria para ajudar as pessoas em todas as fases de sua jornada de fé. Diana Butler Bass em seu livro "Christianity for the Rest of Us" escreve "O principal trabalho de uma igreja é ser uma comunidade espiritual que forma pessoas na fé ". Levando isso em consideração, reconhecemos que embora encorajar as pessoas a pertencerem é crucial, também precisamos ouvir a Grande Comissão - "ir e fazer discípulos".

A inclusão desta terceira vertente sugere que isso é algo que precisa de um foco distinto e algumas estruturas práticas implementadas para possibilitar isso. Em outras palavras, não é algo que acontece por acaso ou que iremos emergir independentemente do que fizermos, embora reconheçamos que não existe um padrão definido para isso. Dentro disso, está o foco em ajudar as pessoas em todas as fases da jornada de fé. Daqueles mergulhando o dedo do pé na água e expressando um simples interesse em descobrir mais sobre a fé cristã por meio de aqueles que são cristãos há muito tempo e precisam ser encorajados a dar um passo adiante, descobrindo e exercitando mais plenamente os dons que Deus lhes deu.

Em adicional, podemos dizer que o Cristão missional expressa Jesus em sua própria vida:

O viver missional que constrói relacionamentos por causa do Evangelho tem que ser experimentado pela comunidade de discípulos, onde encaramos pessoas como amigas e não como projetos. O grande mandamento de Jesus é amar a Deus e amar ao próximo. A grande comissão de Jesus é fazer discípulos. Por vezes, nosso discipulado se pulveriza na procura por fazer discípulos. Como isso acontece? Quando por vezes procuramos fazer discípulos nas florestas ou no sudeste da Ásia, sem ao menos compartilhar nossa fé com o vizinho ao lado. Os seguidores de Jesus proclamam o Evangelho, à medida que revelam Jesus em suas próprias vidas pautadas pelas boas novas. Podemos experimentar nos encontrar regularmente com 3 ou 5 pessoas que não seguem a Jesus, incluindo-as amorosamente na nossa vida, orando por elas e convivendo com elas (Costa, 2012, p. 58)

A igreja missional aparece como uma solução para a evangelização no contexto pós-cristão, tornando-se uma visão prática para a igreja e para o cristão. A sociedade tem mudado e é importante que a igreja se molde.

Em muitos contextos, ainda é possível cultivar uma igreja oferecendo uma melhor experiência de igreja do que outras igrejas. Se você oferecer um melhor culto, discipulado, pregação, teologia ou comunidade, então, os cristãos em seu bairro serão atraídos pela sua igreja. Mas, seja qual for o mérito disso, precisamos reconhecer que isso não é crescimento missional. É possível plantar uma igreja e vê-la crescer sem fazer missão. Mas as igrejas que experimentam um verdadeiro crescimento missional são normalmente aquelas cujos líderes estão modelando um estilo de vida missional contagioso. A cultura é definida a partir do topo (Chester, 2018, p.7)

De acordo com Keller, ser missional significa a igreja se adaptando e reformulando absolutamente tudo o que faz relacionado a adoração, discipulado, com a comunidade e serviço sendo, até que seja o suficiente para o engajamento do não cristão. A igreja enfrenta o desafio de se tornar missional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa conclui-se que o problema inicialmente proposto foi respondido. O pensamento pós-moderno foi apresentado de maneira satisfatória mostrando o arcabouço para o pós-cristão e explicando algumas características desse cidadão que tem se apresentado na sociedade. A descrença com os efeitos da modernidade e as necessidades de respostas atingiram também as igrejas. Além disso, de igual modo foi mostrado o perfil do pós-cristão e como ele tem se comportado no contexto europeu e estadunidense. Isto aponta e revela uma preocupante realidade que pode acometer a igreja brasileira e a sociedade de maneira direta. Em contraponto a esta realidade, foi apresentada algumas formas de evangelização que não são obsoletas, porém tem perdido a eficácia com o pós-cristão.

A igreja missional e o evangelho baseado em ser antes de fazer se apresentam como uma solução plausível na evangelização do objeto desta pesquisa, além de trazer uma expectativa de solidificar o evangelho nos cristãos já presentes nas igrejas, trazendo um alento e reduzindo o impacto do pensamento pós-moderno em sociedades ainda não tão influenciadas, como a brasileira. Muitos autores estudados têm aplicado os princípios da igreja missional em suas igrejas com vistas a alcançar o não cristão e, por conseguinte, o pós-cristão Tim Keller e Tim Chester são bons exemplos.

Apesar de não haver pesquisas sólidas no Brasil sobre o pós-cristianismo, o questionário apresentado pela instituição BARNA, pode ser facilmente aplicado na sociedade brasileira e o resultado poderá ser semelhante ao encontrado nos Estados Unidos. Sugere-se que uma pesquisa de campo seja elaborada para quantificar e qualificar a fase que a igreja e a sociedade brasileira se encontram. Por fim abre-se a possibilidade de estudo de outras formas de evangelização com objetivo de alcançar estes pós-cristãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Perry. **As Origens da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

ALDRICH, J. Life-Style Evangelism, Portland: Multnomah Press, Ambrose, R. "Social Communication at the Service of Evangelization" in M. S. Dias, Evangelization and Social Communication, Bombay: The Bombay Saint Paul Society: 2000.

AQUILINA, MIKE; PAPANDREA, James L. **Estamos Vivendo em um Mundo Pós-Cristão?** Disponível em: <<https://catholicexchange.com/are-we-living-in-a-post-christian-world>>. Acesso em: 19 mai. 2020.

Assemblies of God Church (AGC). Adult Sunday School Manual, Jan-June 96, Aba: The Assemblies of God Press, 1996.

AUCH, R., and Cronce, J. The Church in Crisis, Green Forest: New Leaf Press: 1990.

BARNA. **As Cidades mais Pós-cristãs da América.** 2019. Disponível em: <https://www.barna.com/research/post-christian-cities-2019>.

BRAWNER, J. "Meeting and Using the Media" in T.E. Trask et al. The Pentecostal Pastor: A Mandate for the 21st century. Springfield: Gospel Publishing House: 1997.

CHESTER, Tim e Timmis, Steve. **Igreja Diária: comunidades do evangelho em missão.** Tradução Vanessa Braganholo. Niterói-RJ: Tempo de Colheita, 2013.

CHESTER, Tim. Missional lifestyle. Disponível em: <<https://www.acts29.com/wp-content/uploads/2018/02/8.-Missional-Lifestyle.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2020.

COSTA, João. **Missional: Uma jornada da devoção à missão.** Rio de Janeiro: Interferência Editora, 2012.

DAVID, B. E. "Mass Media in Missions" in G.P. Gurgarus .ed. Guidelines for World Evangelization, Abilene/Texas: Abilene Christian University: 1976

FORSYTH, Sandy. "Inspiring New Worshipping Communities: Pathways for Pioneer Ministry and Church Planting in the Church of Scotland," in The Church of Scotland, General Assembly 2019: Reports, Decisions, Legislation & Minutes – RDLM 2019 (Edinburgh: The Church of Scotland Assembly Arrangements Committee, 2019)

GASTALDI, I. **Educar e evangelizar na pós-modernidade.** São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1994.

GIDDENS, A. **As conseqüências da Modernidade.** São Paulo: UNESP, 1991.

HANKS, G. 70 Great Christians: The Story of the Christian Church, Evangel Publications: 1998.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** 12. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

HOUGHTON, S. M. **Sketches from Church History**, Edinburgh: The Banner of Truth Trust: 1991.

Hunter, K. R. (1989). **Foundations for Church Growth**, New Haven: Leader Publishing Company.

KIM, B. **“The Motives of Evangelization” in The Mission of an Evangelist: Amsterdam** 2000. A Conference of Preaching Evangelists, Minneapolis: Worldwide Publications 2001.

KRAJEWSKI, Bruce. "Post-Modernism, Allegory, and Hermeneutics in Brazil." *Iowa Journal of Literary Studies* (1988).

KUIPER, R. B. (2002). **God-Centred Evangelization, Edingburgh**: The Banner of Truth Trust: 2002.

LANE, T. **The Lion Book of Christian Thought**, Oxford: Lion Publ. Plc: 1992.

MEEKS, M. D. **The Future of the Methodist Theological Tradition**, Nashville: Abingdon: 1985.

MILTON, Michael A. **What Does it Really Mean for a Church to Be “Missional”? Is it Important?**: 2019. Disponível em: <https://www.christianity.com/wiki/church/what-does-it-really-mean-for-a-church-to-be-missional-is-it-important.html>. Acesso em: 27 nov. 2020.

NILGES, Mathias. **Post-Postmodernism or, The Cultural Logic of Just-In-Time Capitalism.** *American Literary History*, Volume 27, Issue 1, Spring 2015, Pg 186–197 Outubro, 2014.

OZMEN, H. A., & Crower, M. S. (2006). **The philosophy of education and postmodernism challenge: A field for the recognition and critique of education philosophy in the western world** (S. Beheshti, Trans.). Tehran: Etelaat.

POORSHAFEI, H., & Arian, N. (2009). **Postmodernism and its implications in religious education.** *Islam and Educational Researches*, 2, 5-60.

SINGH, Prasad Raj. *Postmodern Openings*, 2011, Year 2, No. 5, Vol. 5.

RAHNAMA, A. (2009). **An introduction on moral education (philosophical-psychological fundamentals and moral teaching methods).** Tehran: Ayizh.

RENEWICK, A. M. & Harman, A. M. *The Story of the Church*, Leicester: Inter-Varsity Press. 1994.

SHERWOOD, Harriet. Disponível em <https://www.theguardian.com/world/2018/mar/21/christianity-non-christian-europe-young-people-survey-religion#maincontent>. Acesso em: 22 mai. 2020.

SOUZA, Ney de. **Evolução histórica para uma análise da pós-modernidade**. São Paulo: Paulinas, 2003.

SONTAG, Susan. 1990. *Against Interpretation, and Other Essays*. New York: Anchor. Spencer, Herbert. 1898. *Principles of Sociology*. New York: Appleton.

STOTT, J. *Christian Mission in the Modern World*, London: Falcon Publishers. _____. (1975). *LOP 3: The Lausanne Covenant: An Exposition and Commentary*, Lausanne Committee for World Evangelization: 1975

STOTT, John. *Ouçá o Espírito, ouçá o mundo*. Tradução de Silêda Silva Steunargel. São Paulo: ABU, 2005.

SCHMIT, C. *Root Out of a Dry Ground, A History of the Church*, Grand Rapids: Fellowship Publications: 1979.

WAIBEL, P. R. *Quicknotes, Christian History*, Wheaton: Tyndale House Publishers, Inc.: 2000.